

Venezuela em transe



Citando o direito internacional, líderes reprovam a ação militar norte-americana, com poucas declarações abertamente favoráveis à intervenção de Trump. Conselho de Segurança da ONU se reúne amanhã para debater a situação

Países reagem à captura

AFP

» PALOMA OLIVETO

A maior operação militar norte-americana na América Latina desde 1989, quando os Estados Unidos invadiram o Panamá, foi recebida por líderes mundiais com uma mistura de indignação, preocupação e cautela. À exceção do presidente argentino Javier Milei, que aprovou a captura de Nicolás Maduro, governantes da América do Sul, incluindo Luiz Inácio Lula da Silva (leia mais na página 6) condenaram a ação.

"O governo da Colômbia rejeita a agressão contra a soberania da Venezuela e da América Latina", escreveu no X o presidente colombiano, Gustavo Petro. "Conflitos internos entre povos são resolvidos por esses mesmos povos em paz. Esse é o princípio da autodeterminação dos povos, que constitui a base do sistema das Nações Unidas."

A presidente mexicana, Claudia Sheinbaum, também citou a ONU. "Os membros da Organização, em suas relações internacionais, abstiveram-se da ameaça ou do uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer Estado, ou de qualquer outra maneira incompatível com os propósitos das Nações Unidas", afirmou, citando um trecho da Carta das Nações Unidas.

Reunião

A ONU se manifestou em um comunicado, dizendo estar "profundamente alarmada". "Essas ações constituem um precedente perigoso", escreveu Stéphane Dujarric, porta-voz do secretário-geral, Antonio Guterres. "Ele está muito preocupado de que as regras do direito internacional não tenham sido respeitadas." A pedido das delegações da Venezuela e da Colômbia, o Conselho de Segurança da ONU se reunirá amanhã. Porém, não há perspectiva de que seja aprovada uma resolução condenando a ação, uma vez que Washington tem poder de voto.

Prestes a deixar o Palácio de La Moneda, o chileno Gabriel Boric condenou as ações militares e pediu uma "saída pacífica" para a Venezuela. Citando princípios básicos do direito internacional, Boric disse, no X, que a crise venezuelana não se resolve "por meio da violência, nem da ingerência estrangeira".

Successor de Boric, o presidente eleito José Antonio Kast falou de "respeito ao direito internacional" em sua declaração na rede social, mas acusou Maduro de não ser "o presidente legítimo da Venezuela" e destacou que "estruturas criminosas e terroristas operam a partir desse país".



Manifestantes repudiam a prisão do Líder venezuelano em Times Square em Manhattan: prefeito de Nova York criticou a intervenção

Repercussão

Argentina

A operação dos Estados Unidos "significa a queda do regime de um ditador que vinha fraudando as eleições (...) E isso não é bom apenas para a Venezuela, mas também para a região", disse o presidente argentino Javier Milei.

Alemanha

O chanceler Friedrich Merz escreveu nas redes sociais que "Maduro levou seu país à ruína" e que a intervenção dos EUA é "complexa e requer consideração cuidadosa".

Equador

O presidente equatoriano, Daniel Noboa, escreveu no X: "A todos os criminosos narcoterroristas chega a sua hora. A sua estrutura vai terminar de cair em todo o continente".

Guatemala

"Fazemos um chamado para cessar qualquer ação militar unilateral e respeitar os princípios da Carta da Organização das Nações Unidas", escreveu o presidente da Guatemala, Bernardo Arévalo, no X.

Irã

O país, que mantém estreitos vínculos com a nação sul-americana rica em petróleo e bombardeada por Trump no ano passado, condenou "firmemente o ataque militar americano".

Itália

A primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, considerou "legítima a intervenção defensiva" dos Estados Unidos na Venezuela. Porém, disse que "a ação militar externa não é a via para pôr fim aos regimes totalitários".

Panamá

O presidente José Raúl Mulino manifestou seu desejo por "um processo de transição ordenado e legítimo" na Venezuela.

Ucrânia

No X, o ministro das relações exteriores, Andrii Sybiha, disse que "a Ucrânia sempre defende o direito das nações de viverem livremente, livres de ditaduras, opressão e violações dos direitos humanos. O regime de Maduro violou todos esses princípios em todos os aspectos".

Fechar fileiras

Enquanto dissidentes cubanos nos Estados Unidos comemoraram a captura de Maduro, em Havana, o presidente Miguel Díaz-Canel, que clamou a América Latina a "fechar fileiras" diante do ataque militar. "Não deixemos passar o gigante das sete léguas!", discursou em uma

concentração na capital. Segundo Díaz-Canel, Maduro foi "sequestrado" no que classificou como "um ato de terrorismo de Estado (...) que representa uma expressão inequívoca do neofascismo que se pretende impor à humanidade".

Na Europa, governantes foram mais cautelosos. Em um comunicado às emissoras britânicas, o

primeiro-ministro Keir Starmer disse que preferia conversar com Trump antes de comentar. "Eu sempre disse e acredito que devemos respeitar o direito internacional, mas vamos apurar os fatos", disse ele em um comunicado a emissoras britânicas.

O presidente da França, Emmanuel Macron, exigiu uma

transição "respeitosa", preferencialmente "liderada o mais rapidamente possível" pelo candidato opositor nas eleições presidenciais de 2024, Edmundo González Urrutia, exilado na Espanha. Sem condenar a ação militar, Macron disse que o povo venezuelano "só pode se alegrar com o fim da ditadura Maduro".

Imigrantes venezuelanos comemoram queda de Maduro

A captura do presidente Nicolás Maduro em uma ação militar orquestrada pela Casa Branca foi comemorada por venezuelanos nos Estados Unidos e em países da América Latina. Na Flórida, uma multidão se reuniu para celebrar a notícia aguardada há anos por grupos contrários ao chavismo. Eufóricos, eles disseram acreditar em um futuro próspero para o país, após a prisão do líder chavista.

Em Doral, cidade vizinha de Miami onde mais de 40% dos moradores são de origem venezuelana, desde antes do amanhecer, centenas foram se reunindo em frente ao Arepazo, um restaurante popular. Muitos estavam enrolados em bandeiras da Venezuela, cantavam e se abraçavam. Entre eles, um jovem agitava um cartaz com a mensagem "Trump was right about everything (Trump tinha razão em tudo)".

Para alguns venezuelanos da Flórida, porém, a incerteza sobre o futuro ofusca um pouco a euforia pela queda de Maduro. "Não sei o que vai acontecer. Trump

acabou de dizer que a vice-presidente (Delcy Rodríguez) é dele. Ele está louco. Todo mundo quer María Corina", garantiu à agência France-Presse (AFP) Eleazar Morrison, venezuelano de 47 anos. "Eu não confio em Trump, mas sou extremamente grato", resume.

Raúl Chávez, venezuelano de Miami, ficou preocupado com o discurso do presidente americano. "É um sentimento misto. Eu realmente quero a liberdade da Venezuela, mas também quero a independência da Venezuela, e esperamos que possa haver uma transição ou um governo venezuelano eleito", afirmou à AFP.

Segurança

Em Bogotá, um grupo de imigrantes foi cedo comemorar na Praça de Bolívar, no centro da capital. A Colômbia é o principal destino dos venezuelanos que deixaram o país e estima-se que 3 milhões vivam, atualmente, na nação sul-americana. "No momento, a maioria das reações que vejo varia

da incredulidade à esperança", disse ao jornal *El País* Víctor Mijares, venezuelano e professor de ciência política e estudos globais na Universidade dos Andes, em Bogotá. "Agora, o medo será mais um tema de segurança, de estabilização do país, pois há muitos cidadãos armados nas ruas da Venezuela que podem voltar a ser anárquicos."

Na capital da Argentina, país onde residem 160 mil venezuelanos, o ponto de encontro foi o Obelisco, tradicionalmente palco de manifestações e comemorações. Moradora de Buenos Aires há uma década, Carmen Ogliastra, 64 anos, ainda estava incrédula. "A sensação é de choque. Desde que fiquei sabendo, lá pelas seis da manhã, passei horas pensando: 'Será que é verdade? Porque são tantos anos esperando por isso que não conseguimos acreditar'."

Chile

Também houve comemorações nas ruas de Santiago, principalmente no bairro de Estación



O Obelisco de Buenos Aires foi o ponto de encontro para centenas de pessoas

Central. Segundo o jornal chileno *La Nación*, nas primeiras horas da manhã centenas de imigrantes venezuelanos se concentraram nas ruas, com gritos e músicas, acompanhados por panelas e vuvuzelas. Muitos chegaram a declarar sua intenção de retornar à Venezuela.

Em Lima, dezenas de venezuelanos se reuniram em frente

à embaixada do país para comemorar a deposição de Nicolás Maduro. "A ditadura caiu", disse um jovem, acompanhado por outros compatriotas, citado pelo jornal *El Peruano*.

Já na capital mexicana, manifestantes contrários à captura de Maduro jogaram ovos na Embaixada dos Estados Unidos. "Condenamos

o bombardeio janque e o sequestro de Maduro. Basta de agressão imperialista e pilhagem na América Latina. Parem a guerra contra a Venezuela" declararam, citados pelo jornal *El Universal*. Enquanto marchavam ao redor da representação diplomática, gritavam: "Alerta, alerta, alerta que caminha, a espada de Bolívar pela América Latina".